ENFERMAGEM EM URGÊNCIA, EMERGÊNCIA E UTI

INFORMAÇÕES GERAIS

APRESENTAÇÃO

O curso de pós-graduação em Enfermagem em Urgência, Emergência e UTI a nossa proposta é desenvolver um conjunto de atividades que, juntamente com um alto domínio das ferramentas técnicas básicas de sua profissão, desenvolvem nos alunos as seguintes qualidades: capacidade de gestão, liderança e posicionamento político, com experiência e visão internacional; Formação empreendedora; Ética e educação adequadas ao sucesso profissional; Entendimento das posturas, atitudes e comportamentos adequados ao sucesso profissional; Alto domínio das ferramentas técnicas básicas da profissão; Alto índice de empregabilidade. Nosso objetivo é formar especialistas que chegarão ao mercado com sólida formação acadêmica, com experiência profissional e visão global, para uma atuação de sucesso nas organizações, bem como, desenvolver no participante a capacidade de adequar, utilizar e integrar, em ambientes distintos, os métodos avançados de Enfermagem, considerando aspectos organizacionais, humanos e da saúde, contemplando as expectativas e necessidades dos clientes e o aumento da lucratividade e competitividade dos negócios ligados à Enfermagem em Urgência, Emergência e UTI. Busca evidenciar que o profissional contemporâneo, necessita estar permanentemente em qualificação, e em vista disso, oferecemos o curso em questão, objetivando esta formação, com base em um corpo docente qualificado e nas condições estruturais da instituição.

OBJETIVO

Proporcionar o desenvolvimento de competências e habilidades para o desempenho profissional da Enfermagem em Urgência, Emergência e UTI, através do domínio adequado de técnicas e procedimentos.

METODOLOGIA

Em termos gerais, a metodologia será estruturada e desenvolvida numa dimensão da proposta em EAD, na modalidade online visto que a educação a distância está consubstanciada na concepção de mediação das tecnologias em rede, com atividades a distância em ambientes virtuais de aprendizagens, que embora, acontece fundamentalmente com professores e alunos separados fisicamente no espaço e ou no tempo, mas que se interagem através das tecnologias de comunicação. É importante salientar que a abordagem pedagógica que valorize a aprendizagem colaborativa depende dos professores e dos gestores da educação, que deverão torna-se sensíveis aos projetos criativos e desafiadores. Fornecerá aos alunos conhecimentos para desenvolver competências que possibilitem o desempenho eficiente e eficaz dessas respectivas funções, na perspectiva da gestão estratégica e empreendedora, de maneira a contribuir com o aumento dos padrões de qualidade da educação e com a concretização da função social da escola.

Código	Disciplina	Carga Horária
74	Ética Profissional	30

APRESENTAÇÃO

Conceitos de ética e moral, sua dimensão nos fundamentos ontológicos na vida social e seus rebatimentos na ética profissional. O processo de construção do ethos profissional: valores e implicações no exercício profissional.

OBJETIVO GERAL

Compreender a natureza, importância e possibilidades da Ética profissional na visão social em que vivemos.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Refletir sobre as possibilidades e limites na Ética profissional.
- Compreender as concepções e evolução histórica da Ética profissional.
- Reconhecer a importância da atitude positiva e pró-ativana Ética profissional.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

A ÉTICA E AS QUESTÕES FILOSÓFICAS LEITURA COMPLEMENTAR – TEXTO Nº 01 É A ÉTICA UMA CIÊNCIA? A ÉTICA E A CIDADANIA LEITURA COMPLEMENTAR – TEXTO Nº 02 ÉTICA E DIREITOS HUMANOS A ÉTICA E A EDUCAÇÃO LEITURA COMPLEMENTAR – TEXTO Nº. 03 ÉTICA NA ESCOLA: FAÇA O QUE EU DIGO, MAS NÃO FAÇA O QUE EU FAÇO ÉTICA PROFISSIONAL, O GRANDE DESAFIO NO MERCADO DE TRABALHO LEITURA COMPLEMENTAR – TEXTO N. 04 ÉTICA PROFISSIONAL É COMPROMISSO SOCIAL ESTUDO DE CASOS: ÉTICA PROFISSIONAL CASO 1 - UM GESTOR TEMPERAMENTAL CASO 2 - ÉTICA E CHOQUE CULTURAL NA EMPRESA CASO 3 - RESPEITO PELAS PESSOAS CASO 4 - CONSIDERAÇÕES PROVENIENTES DO COMITÊ DE ÉTICA A URGÊNCIA DE ATITUDES ÉTICAS EM SALA DE AULA

REFERÊNCIA BÁSICA

HUME, David. Investigação sobre o entendimento humano. Tradução André Campos Mesquita. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

NALINI, José Renato. Ética Geral e Profissional. 7.ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.

PAIVA, Beatriz Augusto. Algumas considerações sobre ética e valor. In: BONETTI, Dilséa Adeodata et al. (Org.). Serviço social e ética: convite a uma nova práxis. 6.ed. São Paulo.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais – Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

CHALITA, Gabriel. Os dez mandamentos da ética. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1997. COMPARATO, Fábio Konder. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

DOWBOR, Ladislau. A reprodução social: propostas para um gestão descentralizada. Petrópolis: Vozes, 1999. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PERIÓDICOS

BRASIL. Ministério da Educação do. Disponível em: . Acesso em: 10 dez.2011.

75	**Pesquisa e Educação a Distância**	**30**

APRESENTAÇÃO

A relação do ensino-aprendizagem na ação didática e no contexto da Educação a Distância no Brasil; EAD e a formação profissional; Ambiente virtual / moodle: conceito, funções e uso; Redes Sociais; Letramento Digital; Inclusão digital; Inovação pedagógica a partir do currículo e da sociedade de informação; Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC); As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional; Cidadania, Ética e Valores Sociais; Pesquisas web.

OBJETIVO GERAL

Compreender a natureza, importância e possibilidades da Educação a distância no contexto sócio educacional em que vivemos. Analisar a importância do emprego das novas mídias e tecnologias para a formação profissional.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Refletir sobre as possibilidades e limites da educação a distância (EaD).
- Compreender as concepções de educação a distância de acordo com sua evolução histórica.
- Reconhecer a importância da atitude positiva e proativa do aluno da educação a distância.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

RELAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR (IES) 1. OS PILARES DO ENSINO UNIVERSITÁRIO 2. ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA A RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM NAS IES 3. LEI Nº 5.540/68 E AS IES EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA AS IES 1. PAPEL DO PROFESSOR FRENTE ÀS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS 2. TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E OS CURSOS EAD 3. AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM - 3.1 CIBERCULTURA OU CULTURAL DIGITAL - 3.2 O CIBERESPAÇO - 3.3 AS TIC COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM - 3.4 MOODLE - 3.5 REDES E INTERNET LETRAMENTO E INCLUSÃO DIGITAL 1. INCLUSÃO DIGITAL 2. TIC E NOVOS PARADIGMAS EDUCACIONAIS 3. CIDADANIA, ÉTICA E VALORES SOCIAIS METODOLOGIA CIENTÍFICA 1. A PEQUISA E SEUS ELEMENTOS - 1.1 ETAPAS DA PESQUISA 2. CLASSIFICAÇÃO 3. MÉTODO DE PESQUISA: 4. TIPOS DE DADOS 5. FASES DO PROCESSO METODOLÓGICO 6. PESQUISA E PROCEDIMENTOS ÉTICOS 7. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

REFERÊNCIA BÁSICA

LEMKE, J. L. Educação, Ciberespaço e Mudança. Em: The Arachnet Electronic Journal on Virtual Culture. 22. 22 de Março de 1993. Vol 1. Nº 1. LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. _____. Cibercultura. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

LÉVY, P. O que é virtual? Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994. PAPERT, Saymour. A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artmed, 1993. RAMAL, Andrea Cecília. Educação na cibercultura – Hipertextualidade, Leitura, Escrita e Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002. RICARDO, Stella Maris Bortoni. O professor pesquisador. Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

PERIÓDICOS

LEMKE, J. L. Educação, Ciberespaço e Mudança. Em: The Arachnet Electronic Journal on Virtual Culture. 22. 22 de Março de 1993. Vol 1. Nº 1.

417	Urgência e Emergência: do Atendimento Pré-Hospitalar (Aph) à Sala de Emergência	60

APRESENTAÇÃO

Introdução ao estudo da urgência e emergência em enfermagem; Os serviços de atendimento pré-hospitalar (SvAPH); O atendimento inicial; Escala de trauma; A tabela START; A triagem pelo método START; A tabela CRAMP; As escalas de GLASGOW e TRAUMA SCORE; A Escala de Coma de Glasgow (ECG1); Recursos utilizados; Recursos materiais ? classificação; Recursos pessoais; O suporte básico de vida (SBV); Conceito e definições; Elos da cadeia de sobrevivência; Prevenção; Reconhecimento Imediato da Parada Cardiorrespiratória; Acesso rápido ao SAMU ou similar; Suporte avançado de vida eficaz; Cuidados pós-parada cardiorrespiratória integrada; Avaliação das vias aéreas; A - Avaliação das vias aéreas; B - Avaliação da respiração; C - Avaliação da circulação; O suporte avançado de vida (SAV); Conceitos e definições; A gravidade da Parada Cardiorrespiratória (PCR); Assistolia; Atividade Elétrica sem Pulso (AESP); O transporte de pacientes; Organização do transporte; Prevenção de complicações durante o transporte; O perfil do enfermeiro para atendimento em rodovias e resoluções afins; Acolhimento e classificação de risco nos serviços de urgência e emergência.

OBJETIVO GERAL

Promover uma discussão teórico metodológica sobre os conceitos que compõe os fundamentos do processo de urgência e emergência do atendimento pré hospitalar.

OBJETIVO ESPECÍFICO

• Analisar os tipos de serviços de atendimento pré hospitalar;

• Avaliar as classificações de risco nos serviços de urgência e emergência;

• Discutir sobre as avaliações e cuidados aos sintomas de emergência e urgência.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA URGÊNCIA E EMERGÊNCIA EM ENFERMAGEM OS SERVIÇOS DE ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR (SVAPH) O ATENDIMENTO INICIAL ESCALA DE TRAUMA A TABELA START A TRIAGEM PELO MÉTODO START A TABELA CRAMP AS ESCALAS DE GLASGOW E TRAUMA SCORE A ESCALA DE COMA DE GLASGOW (ECG1) RECURSOS UTILIZADOS RECURSOS MATERIAIS – CLASSIFICAÇÃO RECURSOS PESSOAIS O SUPORTE BÁSICO DE VIDA (SBV) CONCEITO E DEFINIÇÕES ELOS DA CADEIA DE SOBREVIVÊNCIA PREVENÇÃO RECONHECIMENTO IMEDIATO DA PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA ACESSO RÁPIDO AO SAMU OU SIMILAR SUPORTE AVANÇADO DE VIDA EFICAZ CUIDADOS PÓS-PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA INTEGRADA AVALIAÇÃO DAS VIAS AÉREASA - AVALIAÇÃO DAS VIAS AÉREAS: B - AVALIAÇÃO DA RESPIRAÇÃO C - AVALIAÇÃO DA CIRCULAÇÃO O SUPORTE AVANÇADO DE VIDA (SAV) CONCEITOS E DEFINIÇÕES A GRAVIDADE DA PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA (PCR) ASSISTOLIA ATIVIDADE ELÉTRICA SEM PULSO (AESP) O TRANSPORTE DE PACIENTES ORGANIZAÇÃO DO TRANSPORTE PREVENÇÃO DE COMPLICAÇÕES DURANTE O TRANSPORTE O PERFIL DO ENFERMEIRO PARA ATENDIMENTO EM RODOVIAS E RESOLUÇÕES AFINS ACOLHIMENTO E CLASSIFICAÇÃO DE RISCO NOS SERVIÇOS DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA

REFERÊNCIA BÁSICA

CARVALHO, Marcelo Gomes de. Atendimento pré-hospitalar para enfermagem: suporte básico e avançado de vida. São Paulo: Iátria, 2007.

MELO, Maria do Carmo Barros de; NUNES, Tarcizo Afonso; ALMEIDA, Carolina Trancoso de. Urgência e Emergência pré-hospitalar. Belo Horizonte: Folium, 2009.

MELO, Maria do Carmo Barros de; SILVA, Nara Lúcia Carvalho da. Urgência e Emergência na Atenção Primária de Saúde. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

AEHLERT, B. ACLS - Emergências em cardiologia: Suporte Avançado de Vida em Cardiologia. 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

CALIL, A. M.; PARANHOS, W. Y. O enfermeiro e as situações de emergência. São Paulo: Atheneu, 2007.

CARDOSO, M.M, et al. Organização dos sistemas pré-hospitalares e salas de reanimação. São Paulo (SP); 2000. Documento interno do SAMU Vale do Ribeira.

PERIÓDICOS

AGUIAR, K. N. et al. O estresse em uma equipe militar de resgate pré-hospitalar. Revista eletrônica de enfermagem. Goiânia, v.2, n.2, 2000.

414	Fundamentos e Tópicos Especiais da Enfermagem	60

APRESENTAÇÃO

Introdução aos fundamentos e tópicos especiais da enfermagem; Origem e evolução; Fundamentos e teorias; i) A Teoria do autocuidado; ii) A teoria do déficit do autocuidado; iii) A teoria de sistemas de enfermagem; iv) O sistema de apoio-educação; O ambiente hospitalar; O estresse profissional; Conceitos e definições da humanização; Conceitos e importância; A arte de cuidar; A ética e a bioética; Ética e bioética; Conselho Federal de Enfermagem; Legislação; Comissões de ética; A avaliação do nível de consciência; Termos básicos em avaliação do nível de consciência; Avaliação do nível de consciência; Correlação entre alterações do nível de consciência e de condições pupilares; Correlação entre alterações do nível de consciência e função respiratória; a) Respiração de Cheyne-Stokes; b) Hiperpneia neurogênica central ; c) Respiração apnêustica; d) Respiração atáxica; Correlação entre alterações do nível de consciência e outras funções vegetativas; Escalas de Coma; Escala de Coma de Glasgow (ECGI); Escala de Coma de Jouvet (ECJ); O choque: conceito e definição; Classificação do choque; O papel da enfermagem em situações de choque; a) Primeira fase; b) Segunda fase; c) Terceira fase; d) Quarta fase; A nutrição parental; Nutrição enteral x nutrição parenteral; Indicações da Nutrição Parenteral Prolongada.

OBJETIVO GERAL

Especializar em fundamentos e tópicos especiais da enfermagem e assistência de Enfermagem em Cuidados Intensivos e Situações Críticas, proporcionando o desenvolvimento de competências e habilidades para o desempenho profissional da Enfermagem na Urgência, Emergência e UTI, através do domínio adequado de técnicas e procedimentos.

OBJETIVO ESPECÍFICO

• Analisar os fundamentos e tópicos especiais em enfermagem, suas origens e evolução;

• Analisar os diversos aspectos da Assistência de Enfermagem em Cuidados Intensivos e Situações Críticas;

• Apresentar técnicas a respeito da Enfermagem na Urgência, Emergência e UTI, seus papéis, suas principais ferramentas e características, de forma a promover uma nova forma de atuação nestas áreas;

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

INTRODUÇÃO AOS FUNDAMENTOS E TÓPICOS ESPECIAIS DA ENFERMAGEM; ORIGEM E EVOLUÇÃO; FUNDAMENTOS E TEORIAS; I) A TEORIA DO AUTOCUIDADO; II) A TEORIA DO DÉFICIT DO AUTOCUIDADO; III) A TEORIA DE SISTEMAS DE ENFERMAGEM; IV) O SISTEMA DE APOIO-EDUCAÇÃO; O AMBIENTE HOSPITALAR; O ESTRESSE PROFISSIONAL; CONCEITOS E DEFINIÇÕES DA HUMANIZAÇÃO; CONCEITOS E IMPORTÂNCIA; A ARTE DE CUIDAR; A ÉTICA E A BIOÉTICA; ÉTICA E BIOÉTICA; CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM; LEGISLAÇÃO; COMISSÕES DE ÉTICA; A AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONSCIÊNCIA; TERMOS BÁSICOS EM AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONSCIÊNCIA; AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONSCIÊNCIA; CORRELAÇÃO ENTRE ALTERAÇÕES DO NÍVEL DE CONSCIÊNCIA E DE CONDIÇÕES PUPILARES; CORRELAÇÃO ENTRE ALTERAÇÕES DO NÍVEL DE CONSCIÊNCIA E FUNÇÃO RESPIRATÓRIA; A) RESPIRAÇÃO DE CHEYNE-STOKES; B) HIPERPNEIA NEUROGÊNICA CENTRAL; C) RESPIRAÇÃO APNÊUSTICA; D) RESPIRAÇÃO ATÁXICA; CORRELAÇÃO ENTRE ALTERAÇÕES DO NÍVEL DE CONSCIÊNCIA E OUTRAS FUNÇÕES VEGETATIVAS; ESCALAS DE COMA; ESCALA DE COMA DE GLASGOW (ECGI); ESCALA DE COMA DE JOUVET (ECJ); O CHOQUE: CONCEITO E DEFINIÇÃO; CLASSIFICAÇÃO DO CHOQUE; O PAPEL DA ENFERMAGEM EM SITUAÇÕES DE CHOQUE; A) PRIMEIRA FASE; B) SEGUNDA FASE; C) TERCEIRA FASE; D) QUARTA FASE; A NUTRIÇÃO PARENTAL; NUTRIÇÃO ENTERAL X NUTRIÇÃO PARENTERAL; INDICAÇÕES DA NUTRIÇÃO PARENTERAL PROLONGADA; VIAS DE ACESSO PARA ADMINISTRAÇÃO DE SOLUÇÕES NUTRITIVAS; A ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM PARA PACIENTE COM NUTRIÇÃO PARENTERAL; VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA; EPIDEMIOLOGIA BÁSICA; VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA NA ATUALIDADE; A FARMACOLOGIA BÁSICA; EVOLUÇÃO, APRAZAMENTO E USO DOS FÁRMACOS; A ATUAÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NA ADMINISTRAÇÃO DE MEDICAMENTOS.

REFERÊNCIA BÁSICA

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. A importância da Farmacovigilância: monitorização da vigilância dos medicamentos. Brasília, 2005. FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de. Práticas de Enfermagem: fundamentos, conceitos, situações e exercícios. São Caetano do Sul: Difusão Enfermagem, 2003. GOMES, Alice Martins. Enfermagem na Unidade de Terapia Intensiva. 3 ed. São Paulo: EPU, 2008.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

ATALLAH, Álvaro Nagib et al. Guia de Medicina Ambulatorial e Hospitalar: Guia de Medicina de Urgência. Barueri, SP: Manole, 2004.

BAPTISTA, Rui Carlos Negrão. Avaliação do Doente com Alteração do Estado de Consciência – Escala de Glasgow. Revista Referência. Nº 10. Maio, 2003.

KNOBEL, E. et al. Condutas no paciente grave. 3 ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2007.

PERIÓDICOS

BATISTA, K. M.; BIANCHI, R.F. Estresse do enfermeiro em uma unidade de emergência. Rev. Latino- Americana. Enfermagem, vol.14, n°4. p 534-9.

415	**Gestão da Biossegurança e da Enfermagem em UTI**	**60**

APRESENTAÇÃO

Introdução à gestão da biossegurança e da enfermagem em UTI; Biossegurança: conceitos, princípios e definições; Definição; Os Princípios de biossegurança; Perigo, risco e avaliação de risco; Biossegurança e segurança biológica; Equipamentos de segurança; Técnicas e práticas de laboratório; Estrutura física do laboratório; Gestão administrativa;

Manipulação de agentes biológicos; Classificação dos riscos; Risco de acidente; Risco ergonômico; Risco físico; Risco químico; Risco biológico; Os Manuais de segurança; CIPA; SESMT e PCMSO; PPRA; Procedimento Operacional Padrão (POP); A gestão da qualidade no âmbito da saúde; Conceitos e Definição; Historia e Evolução da qualidade em saúde; Elementos para qualidade na enfermagem; Os Indicadores de qualidade; Qualidade do produto; Qualidade do processo produtivo; Qualidade dos fornecedores; Formas de avaliação; Certificação e acreditação; Incorporação da gestão da qualidade nas organizações; Sistema de acreditação hospitalar; objetivos da acreditação hospitalar; As justificativas para a utilização de processos de acreditação; Características das acreditações; Evolução, definições e características das auditorias em enfermagem; História e Evolução da auditoria em saúde; A Auditoria em saúde, nos hospitais e nos planos de saúde; Os Tipos de auditoria em saúde; A Auditoria de enfermagem em hospital; As Anotações E os Prontuários; As Glosas hospitalares; A gestão da enfermagem e a competência profissional; Diretrizes para a Enfermagem; Satisfação e motivação no trabalho da enfermagem; Competências do enfermeiro para atuar em UTI; Tomada de decisão; Liderança; Comunicação; Educação continuada; Gerenciamento de recursos humanos; Gerenciamento de materiais; A organização e o trabalho na unidade de terapia intensiva e o processo de enfermagem; Seleção do paciente ? critérios para admissão e alta; Procedimento e registro de rotinas ? aspectos operacionais; Visitas; Práticas alimentares; Uso de roupas privativas; UTI: equipamentos, plantas físicas e layout; A Planta física da UTI; A Localização da UTI; O Número de leitos em UTI; A Forma da unidade de tratamento; Os Elementos da unidade de tratamento intensivo; Os Equipamentos de uma UTI.

OBJETIVO GERAL

Especializar em gestão da biossegurança e da enfermagem em UTI, apresentando técnicas a respeito da Enfermagem na Urgência, Emergência e UTI, seus papéis, suas principais ferramentas e características, de forma a promover uma nova forma de atuação nestas áreas.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Especializar em Assistência de Enfermagem em Cuidados Intensivos e Situações Críticas;
- Proporcionar o desenvolvimento de competências e habilidades para o desempenho profissional da Enfermagem na Urgência, Emergência e UTI, através do domínio adequado de técnicas e procedimentos;
- Desenvolver habilidades de pesquisa, elaboração, interpretação e análise da Enfermagem na Urgência, Emergência e UTI.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

INTRODUÇÃO À GESTÃO DA BIOSSEGURANÇA E DA ENFERMAGEM EM UTI; BIOSSEGURANÇA: CONCEITOS, PRINCÍPIOS E DEFINIÇÕES; DEFINIÇÃO; OS PRINCÍPIOS DE BIOSSEGURANÇA; PERIGO, RISCO E AVALIAÇÃO DE RISCO; BIOSSEGURANÇA E SEGURANÇA BIOLÓGICA; EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA; TÉCNICAS E PRÁTICAS DE LABORATÓRIO; ESTRUTURA FÍSICA DO LABORATÓRIO; GESTÃO ADMINISTRATIVA; MANIPULAÇÃO DE AGENTES BIOLÓGICOS; CLASSIFICAÇÃO DOS RISCOS; RISCO DE ACIDENTE; RISCO ERGONÔMICO; RISCO FÍSICO; RISCO QUÍMICO; RISCO BIOLÓGICO; OS MANUAIS DE SEGURANÇA; CIPA; SESMT E PCMSO; PPRA; PROCEDIMENTO OPERACIONAL PADRÃO (POP); A GESTÃO DA QUALIDADE NO ÂMBITO DA SAÚDE; CONCEITOS E DEFINIÇÃO; HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DA QUALIDADE EM SAÚDE; ELEMENTOS PARA QUALIDADE NA ENFERMAGEM; OS INDICADORES DE QUALIDADE; QUALIDADE DO PRODUTO; QUALIDADE DO PROCESSO PRODUTIVO; QUALIDADE DOS FORNECEDORES; FORMAS DE AVALIAÇÃO; CERTIFICAÇÃO E ACREDITAÇÃO; INCORPORAÇÃO DA GESTÃO DA QUALIDADE NAS ORGANIZAÇÕES; SISTEMA DE ACREDITAÇÃO HOSPITALAR; OBJETIVOS DA ACREDITAÇÃO HOSPITALAR; AS JUSTIFICATIVAS PARA A UTILIZAÇÃO DE PROCESSOS DE ACREDITAÇÃO; CARACTERÍSTICAS DAS ACREDITAÇÕES; EVOLUÇÃO, DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DAS AUDITORIAS EM ENFERMAGEM; HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DA AUDITORIA EM SAÚDE; A AUDITORIA EM SAÚDE, NOS HOSPITAIS E NOS PLANOS DE SAÚDE; OS TIPOS DE AUDITORIA EM SAÚDE; A AUDITORIA DE ENFERMAGEM EM HOSPITAL; AS ANOTAÇÕES E OS PRONTUÁRIOS; AS GLOSAS HOSPITALARES; A GESTÃO DA ENFERMAGEM E A COMPETÊNCIA PROFISSIONAL; DIRETRIZES PARA A ENFERMAGEM; SATISFAÇÃO E MOTIVAÇÃO NO TRABALHO DA ENFERMAGEM; COMPETÊNCIAS DO ENFERMEIRO PARA ATUAR EM UTI; TOMADA DE DECISÃO; LIDERANÇA; COMUNICAÇÃO; EDUCAÇÃO CONTINUADA; GERENCIAMENTO DE RECURSOS

HUMANOS; GERENCIAMENTO DE MATERIAIS; A ORGANIZAÇÃO E O TRABALHO NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA E O PROCESSO DE ENFERMAGEM; SELEÇÃO DO PACIENTE – CRITÉRIOS PARA ADMISSÃO E ALTA; PROCEDIMENTO E REGISTRO DE ROTINAS – ASPECTOS OPERACIONAIS; VISITAS; PRÁTICAS ALIMENTARES; USO DE ROUPAS PRIVATIVAS; UTI: EQUIPAMENTOS, PLANTAS FÍSICAS E LAYOUT; A PLANTA FÍSICA DA UTI; A LOCALIZAÇÃO DA UTI; O NÚMERO DE LEITOS EM UTI; A FORMA DA UNIDADE DE TRATAMENTO; OS ELEMENTOS DA UNIDADE DE TRATAMENTO INTENSIVO; OS EQUIPAMENTOS DE UMA UTI.

REFERÊNCIA BÁSICA

COSTA, M.A.F.; COSTA, M.F.B. Qualidade em Biossegurança. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

GUIMARÃES JR., J. Biossegurança e controle de infecção cruzada em consultórios odontológicos. São Paulo: Santos, 2001.

GOMES, Alice Martins. Enfermagem na Unidade de Terapia Intensiva. 3 ed. São Paulo: EPU, 2008.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

ALMEIDA, A.B.S, ALBUQUERQUE, M.B.M. Biossegurança: um enfoque histórico através da história oral. Hist. Cienc. Saúde Manguinhos 2000; 7(1): 171-83.

BONATO, V. L. Gestão em saúde: programa de qualidade em hospitais. São Paulo: Ícone, 2007.

KNOBEL, E. et al. Organização e funcionamento das UTls. Rio de Janeiro: Atheneu, 2007.

PERIÓDICOS

BITTAR, O. J. N. V. Indicadores de qualidade e quantidade em saúde. Rev. Ass. Méd. Bras. 2001 jul/set,3(12): 21-28.

76	**Metodologia do Ensino Superior**	**60**

APRESENTAÇÃO

A função sociocultural do currículo na organização do planejamento: temas geradores, projetos de trabalho, áreas de conhecimento. Analise dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Inovação curricular: metodologia de projetos e a interdisciplinaridade na organização curricular; Implicações didático-pedagógicas para a integração das tecnologias de informação e comunicação na educação.

OBJETIVO GERAL

Proporcionar uma reflexão sobre a atuação do professor como agente de formação de cidadãos críticos e colaborativos.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Aprimorar conceitos ligados a educação contemporânea;
- Reconhecer a importância do planejamento;
- Discutir o currículo escolar na educação de hoje;
- Analisar a Universidade, suas funções e as metodologias e didáticas que estão sendo empregadas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

DOCÊNCIA SUPERIOR — UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA BREVE HISTÓRICO SOBRE O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO FUNÇÃO DOCENTE NA SOCIEDADE CAPITALISTA FORMAÇÃO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO: POSSIBILIDADES E OS LIMITES QUE COMPROMETEM UMA PRÁTICA REFLEXIVA A DIDÁTICA E O ENSINO SUPERIOR A DIDÁTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO/TÉCNICO/OPERACIONAL OS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS PARA O ENSINO UNIVERSITÁRIO QUESTÕES DE METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR – A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL DA ATIVIDADE DE APRENDIZAGEM O ENSINO E O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO – O ENSINO DESENVOLVIMENTAL PLANO INTERIOR DAS AÇÕES PROCEDIMENTO METODOLÓGICO GERAL (EXPLICITAÇÃO) INTERNALIZAÇÃO DOS CONCEITOS REQUISITOS PARA O PLANEJAMENTO DO ENSINO ETAPAS DO PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO DE GALPERIN MOMENTOS OU ETAPAS DA ATIVIDADE COGNOSCITIVA HUMANA PLANEJAMENTO DE ENSINO: PECULIARIDADES SIGNIFICATIVAS ESTRUTURA DE PLANO DE CURSO

REFERÊNCIA BÁSICA

ANDRÉ, Marli (org). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas: Papirus, 2001. (Prática Pedagógica). p. 55-68. CARVALHO, A. D. Novas metodologias em educação, Coleção Educação, São Paulo, Porto Editora, 1995. GARCIA, M. M.ª: A didática do ensino superior, Campinas, Papirus, 1994.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. História da Educação Brasileira. 4ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2009. GODOY: A didática do ensino superior, São Paulo, Iglu, 1998. LEITE, D., y MOROSINI, M. (orgs.): Universidade futurante: Produção do ensino e inovação, Campinas, Papirus, 1997. LIBÂNEO, José Carlos: Didática, São Paulo, Cortez, 1994. MASETTO, Marcos Tarciso (Org.) Docência na universidade. 9ª. ed. Campinas: Papirus, 2008.

PERIÓDICOS

PACHANE, Graziela Giusti. Educação superior e universidade: algumas considerações terminológicas e históricas de seu sentido e suas finalidades. In: Anais do VI Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, 2006, p. 5227.

411	Assistência de Enfermagem em Cuidados Intensivos e Situações Críticas	60

APRESENTAÇÃO

Introdução aos estudos acerca da assistência de enfermagem em cuidados intensivos e situações críticas; Os cuidados paliativos: história, evolução, conceitos e definições; Conceitos e definições; Surgimento e evolução dos cuidados paliativos; Os Cuidados Paliativos modernos; Os cuidados paliativos, as UTIs e os profissionais envolvidos; Princípios dos Cuidados Paliativos ; Pontos fundamentais no tratamento; A segurança dos pacientes, as necessidades e os cuidados básicos; A segurança do paciente na UTI: Intervenções; O Cuidado Progressivo do Paciente (CPP); A Unidade de Cuidados Intermediários; A necessidades básicas do paciente; Os sinais vitais; Evolução e objetivos da assistência ventilatória; Identificação precoce de complicações; Prevenção de danos; Parada cardiorrespiratória; Diagnóstico; Finalidades da RCP; Tratamento; Metodologia de RCP - Reanimação básica; O paciente transplantado hepático; Evolução e cuidados nos transplantes de fígado; O pós-operatório e a UTI; A questão da infecção na UTI e o transplantado hepático; Infecções precoces relacionadas ao doador falecido; Infecções preexistentes que se manifestam nas primeiras semanas pós-transplante; Infecções fúngicas em transplantados de fígado; Infecções pulmonares.

OBJETIVO GERAL

Promover uma discussão teórico metodológica sobre os aspectos que compõe os estudos de assistência de enfermagem e os cuidados intensivos em relação a situações críticas no ambiente de trabalho.

OBJETIVO ESPECÍFICO

• Analisar os fundamentos históricos e conceituais em relação a assistência de enfermagem;

• Compreender os conceitos e definições sobre a evolução dos cuidados paliativos na UTI;

• Entender aspectos do diagnóstico, cuidados e intervenções de segurança para o paciente em UTI.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS ACERCA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM CUIDADOS INTENSIVOS E SITUAÇÕES CRÍTICAS OS CUIDADOS PALIATIVOS: HISTÓRIA, EVOLUÇÃO, CONCEITOS E DEFINIÇÕES CONCEITOS E DEFINIÇÕES SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DOS CUIDADOS PALIATIVOS OS CUIDADOS PALIATIVOS MODERNOS OS CUIDADOS PALIATIVOS, AS UTIS E OS PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS PRINCÍPIOS DOS CUIDADOS PALIATIVOS PONTOS FUNDAMENTAIS NO TRATAMENTO A SEGURANÇA DOS PACIENTES, AS NECESSIDADES E OS CUIDADOS BÁSICOS A SEGURANÇA DO PACIENTE NA UTI: INTERVENÇÕES O CUIDADO PROGRESSIVO DO PACIENTE (CPP) A UNIDADE DE CUIDADOS INTERMEDIÁRIOS A NECESSIDADES BÁSICAS DO PACIENTE OS SINAIS VITAIS EVOLUÇÃO E OBJETIVOS DA ASSISTÊNCIA VENTILATÓRIA EVOLUÇÃO E OBJETIVOS DO SUPORTE VENTILATÓRIO O CICLO RESPIRATÓRIO O PAPEL DA ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA VENTILATÓRIA CUIDADOS DISPENSADOS AOS PACIENTES COM AFECÇÃO CARDÍACA AVALIAÇÃO DO PACIENTE CARDÍACO A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM O SETOR DIGESTIVO MONITORAÇÃO HEMODINÂMICA DE PACIENTES CRÍTICOS MONITORIZAÇÃO HEMODINÂMICA INVASIVA A BEIRA DO LEITO: AVALIAÇÃO E PROTOCOLO DE CUIDADOS DE ENFERMAGEM INTRODUÇÃO MÉTODO RESULTADOS E DISCUSSÃO AVALIAÇÃO CLÍNICA DO ENFERMEIRO AO PACIENTE EM MONITORIZAÇÃO HEMODINÂMICA ENTENDIMENTO DE MONITORIZAÇÃO HEMODINÂMICA INDICAÇÕES DO CAP DIFICULDADES QUE INTERFEREM NA AVALIAÇÃO HEMODINÂMICA ATRAVÉS DO CAP ASSOCIAÇÃO DAS PRESSÕES HEMODINÂMICAS COM OS DIAGNÓSTICOS MÉDICOS PARÂMETROS HEMODINÂMICOS INVASIVOS E NÃO INVASIVOS PROCESSO COLETIVO DE CRIAÇÃO DO PROTOCOLO CONSIDERAÇÕES FINAIS A ASSISTÊNCIA ODONTOLÓGICA DOENÇA PERIODONTAL PNEUMONIA NOSOCOMIAL RELAÇÕES ENTRE MICROBIOTA BUCAL E DOENÇA PERIODONTAL PROCEDIMENTOS DE HIGIENE BUCAL NA UTI E OUTROS PROCESSOS SAE - SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM OS ERROS MÉDICOS, OS EVENTOS ADVERSOS E OS INDICADORES DE QUALIDADE INSUFICIÊNCIA RESPIRATÓRIA A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM MANUTENÇÃO DA VENTILAÇÃO ARTIFICIAL POSIÇÃO DO PACIENTE NO LEITO AUSCULTA PULMONAR MANUTENÇÃO DAS VIAS AÉREAS LIVRES DE SECREÇÃO CONTROLE DO VOLUME DE AR NO “CUFF” DO TUBO ENDOTRAQUEAL CONTROLE DA ADMINISTRAÇÃO DE FLUIDOS E DAS ELIMINAÇÕES IDENTIFICAÇÃO PRECOCE DE COMPLICAÇÕES PREVENÇÃO DE DANOS PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA DIAGNÓSTICO FINALIDADES DA RCP TRATAMENTO METODOLOGIA DE RCP - REANIMAÇÃO BÁSICA O PACIENTE TRANSPLANTADO HEPÁTICO EVOLUÇÃO E CUIDADOS NOS TRANSPLANTES DE FÍGADO O PÓS-OPERATÓRIO E A UTI A QUESTÃO DA INFECÇÃO NA UTI E O TRANSPLANTADO HEPÁTICO INFECÇÕES PRECOCES RELACIONADAS AO DOADOR FALECIDO INFECÇÕES PREEXISTENTES QUE SE MANIFESTAM NAS PRIMEIRAS SEMANAS PÓS-TRANSPLANTE FÚNGICAS EM TRANSPLANTADOS DE FÍGADO INFECÇÕES PULMONARES

REFERÊNCIA BÁSICA

CHULAY, Marianne; BURNS, Suzanne M. Fundamentos de enfermagem em cuidados críticos da AACN. Tradução Marisa Ritomy. Porto Alegre: AMGH, 2012.

GOMES, Alice Martins Enfermagem na UTI. São Paulo: EPU, 2008.

VIANA, Renata Andréa Pietro Pereira; WHITAKER, Iveth Yamaguchi (orgs.). Enfermagem em terapia intensiva. Porto Alegre: Artmed, 2011.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Política Nacional de Atenção às Urgências. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2006. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Humaniza SUS: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. 4ª ed. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2008.

GUTIERREZ, Fernando Luiz. Monitoração hemodinâmica. In: NACUL, Flávio Eduardo et al. UTI: diagnóstico e tratamento com foco em terapêutica. Manual de medicina intensiva. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

PERIÓDICOS

BITTENCOURT, A. G. V. et al. Condutas de limitação terapêutica em pacientes internados em Unidade de Terapia Intensiva. Rev Bras Ter Intensiva. 2007;19(2):137-43.

19	**Estágio Supervisionado I**	**60**

APRESENTAÇÃO

Orientação e elaboração do relatório de estágio supervisionado obrigatório. Aspectos práticos da produção de um relatório de estágio, de acordo às normas da ABNT.

OBJETIVO GERAL

Especializar em orientações para a redação do relatório de estágio supervisionado de Psicopedagogia Clínica e Institucional do Instituto PROSABER/UCAM: redação, elaboração, estrutura e formatação.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Oferecer suporte para os estudantes elaborarem seu relatório de estágio;
- Descrever a complexidade do relatório de estágio da Psicopedagogia Clínica e Institucional.
- Relacionar e explicitar as normas para a elaboração do relatório de estágio.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

APRESENTAÇÃO,MODELO DE CAPA ,MODELO FOLHA DE ROSTO ,FOLHA DE ASSINATURA ,PÁGINA DE ABERTURA 1. INTRODUÇÃO 1.1. DESCRIÇÃO DA EMPRESA – MODELO 1.2. OBJETIVOS DO ESTÁGIO 1.3. FATOS OBSERVADOS E REALIDADE VIVENCIADA 2. DESENVOLVIMENTO 2.1. DESCRIÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO 2.1.1. ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS 2.1.2. ELEMENTOS TEXTUAIS 2.2. REFERENCIAL TEÓRICO 2.3. CITAÇÕES NO TEXTO 2.4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS 2.5. ANÁLISE CRÍTICA E CONCLUSIVA 2.6. DIFICULDADES ENCONTRADAS NO ESTÁGIO 2.7. PROVÁVEIS SOLUÇÕES 2.8. ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS 2.8.1. REFERÊNCIAS 2.8.2. APÊNDICES 2.8.3. ANEXOS 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS REFERÊNCIAS ANEXOS REGULAMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO ATIVIDADES/HORAS DE PRÁTICA DE ESTÁGIO (Sugestão) FREQUÊNCIA DO ESTÁGIO PLANO DE ESTÁGIO.

REFERÊNCIA BÁSICA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR resumos. Rio de Janeiro, 1990.

_____. NBR 6029: informação e documentação: livros e folhetos: apresentação. Rio de Janeiro, abr. 2006.

_____. NBR 6034: informação e documentação: índice. Rio de Janeiro, 2004.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. Editoração de publicações oficiais. Brasília, 1987.

PERIÓDICOS

BRASIL, Eliete Mari Doncato; SANTOS, Carla Inês Costa dos. Elaboração de trabalhos Técnico-científicos. São Leopoldo: UNISINOS, 2007.

413	Fundamentos e Gestão da Enfermagem em UTI	60

APRESENTAÇÃO

Introdução aos estudos acerca dos fundamentos e gestão da enfermagem em UTI; A gestão da qualidade no contexto da saúde: Definições e conceitos; histórico e Evolução da qualidade em saúde; Qualidade na saúde e na enfermagem: elementos e fundamentos; Os Indicadores de qualidade e suas variáveis; As diversas formas de avaliação da qualidade; A Certificação e a acreditação como indicadores de qualidade; O sistema de auditoria em enfermagem: definições, características, evolução e tipos; História e Evolução da auditoria em saúde; Auditoria em saúde, enfermagem e operadoras de planos de saúde; Os Tipos e divisões da auditoria em saúde; A Auditoria da enfermagem em hospitais; O prontuário e as anotações; As Glosas hospitalares; Auditoria em enfermagem: revisão sistemática da literatura; Aspectos metodológicos; Resultados; Considerações finais; A gestão da enfermagem em UTI; As Diretrizes para a gestão da qualidade; A Satisfação e a motivação no trabalho da enfermagem; Competências do enfermeiro para atuar em UTI; Tomada de decisão; Liderança; Comunicação; Educação continuada; Gerenciamento de recursos humanos; Gerenciamento de materiais.

OBJETIVO GERAL

Especializar em fundamentos e gestão da enfermagem e a assistência da enfermagem em cuidados intensivos e situações críticas, proporcionando o desenvolvimento de competências e habilidades para o desempenho profissional da Enfermagem na Urgência, Emergência e UTI, através do domínio adequado de técnicas e procedimentos.

OBJETIVO ESPECÍFICO

• Analisar os diversos aspectos da Assistência de Enfermagem em Cuidados Intensivos e Situações Críticas;

• Apresentar técnicas a respeito da Enfermagem na Urgência, Emergência e UTI, seus papéis, suas principais ferramentas e características, de forma a promover uma nova forma de atuação nestas áreas;

• Desenvolver habilidades de pesquisa, elaboração, interpretação e análise da Enfermagem na Urgência, Emergência e UTI;

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS ACERCA DOS FUNDAMENTOS E GESTÃO DA ENFERMAGEM EM UTI; A GESTÃO DA QUALIDADE NO CONTEXTO DA SAÚDE: DEFINIÇÕES E CONCEITOS; HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DA QUALIDADE EM SAÚDE; QUALIDADE NA SAÚDE E NA ENFERMAGEM: ELEMENTOS E FUNDAMENTOS; OS INDICADORES DE QUALIDADE E SUAS VARIÁVEIS; AS DIVERSAS FORMAS DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE; A CERTIFICAÇÃO E A ACREDITAÇÃO COMO INDICADORES DE QUALIDADE; O SISTEMA DE AUDITORIA EM ENFERMAGEM: DEFINIÇÕES, CARACTERÍSTICAS, EVOLUÇÃO E TIPOS; HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DA AUDITORIA EM SAÚDE; AUDITORIA EM SAÚDE, ENFERMAGEM E OPERADORAS DE PLANOS DE SAÚDE; OS TIPOS E DIVISÕES DA AUDITORIA EM SAÚDE; A AUDITORIA DA ENFERMAGEM EM HOSPITAIS; O PRONTUÁRIO E AS ANOTAÇÕES; AS GLOSAS HOSPITALARES; AUDITORIA EM ENFERMAGEM: REVISÃO

SISTEMÁTICA DA LITERATURA; ASPECTOS METODOLÓGICOS; RESULTADOS; CONSIDERAÇÕES FINAIS; A GESTÃO DA ENFERMAGEM EM UTI; AS DIRETRIZES PARA A GESTÃO DA QUALIDADE; A SATISFAÇÃO E A MOTIVAÇÃO NO TRABALHO DA ENFERMAGEM; COMPETÊNCIAS DO ENFERMEIRO PARA ATUAR EM UTI; TOMADA DE DECISÃO; LIDERANÇA; COMUNICAÇÃO; EDUCAÇÃO CONTINUADA; GERENCIAMENTO DE RECURSOS HUMANOS; GERENCIAMENTO DE MATERIAIS.

REFERÊNCIA BÁSICA

ANAIS DA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. Academia Nacional de Medicina. Simpósio. Acreditação de hospitais e melhoria de qualidade em saúde; 1994; 154 (4): 185-213.

BITTAR, O.J.N.V. Indicadores de qualidade e quantidade em saúde. Rev. Ass. Méd. Bras. 2001 jul/set,3(12): 21-28.

BONATO, Vera Lúcia. Gestão em saúde: programa de qualidade em hospitais. São Paulo: Ícone, 2007. BRASIL, Ministério da Saúde. Manual de Acreditação. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2001.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

FALK, James Anthony. Gestão de Custos para Hospitais. São Paulo: Atlas, 2001.

FIORELLI, José Osmir; FIORELLI, Maria Rosa; MALHADAS JUNIOR, Marcos Júlio Olivé. Mediação e solução de conflitos: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2008.

POSSARI, J. F. Prontuário do Paciente e os Registros de Enfermagem. 2 ed. São Paulo: látria, 2007.

PERIÓDICOS

AMANTE, Lúcia Nazareth; ROSSETO, Annelise Paula; SCHNEIDER, Dulcinéia Ghizoni. Sistematização da Assistência de Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva sustentada pela Teoria de Wanda Horta. Rev Esc Enferm USP 2009; 43(1):54-64.

77	**Metodologia do Trabalho Científico**	**60**

APRESENTAÇÃO

A natureza do conhecimento e do método científico. Planejamento, organização e sistematização de protocolos de pesquisa. Identificação dos diferentes métodos de investigação científica. Organização do estudo e da atividade acadêmica como condição de pesquisa. A documentação como método de estudo. Estrutura, apresentação e roteiro dos trabalhos acadêmicos. A normatização da ABNT.

OBJETIVO GERAL

Compreender os aspectos teóricos e práticos referentes à elaboração de trabalhos científicos, enfatizando a importância do saber científico no processo de produção do conhecimento.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Utilizar diferentes métodos de estudo e pesquisa;
- Ter capacidade de planejamento e execução de trabalhos científicos;
- Conhecer as etapas formais de elaboração e apresentação de trabalhos científicos;

- Saber usar as Normas Técnicas de Trabalhos Científicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. INTRODUÇÃO 2 CONHECIMENTO E SEUS NÍVEIS 2.1 O QUE É CONHECIMENTO? / 2.2 TIPOS DE CONHECIMENTOS 2.3 CONHECIMENTO EMPÍRICO / 2.4 CONHECIMENTO FILOSÓFICO 2.5 CONHECIMENTO TEOLÓGICO / 2.6 CONHECIMENTO CIENTÍFICO 3 CIÊNCIA 3.1 CARACTERÍSTICAS DA CIÊNCIA / 3.2 DIVISÃO DA CIÊNCIA 3.3 ASPECTOS LÓGICOS DA CIÊNCIA / 3.4 CLASSIFICAÇÃO DAS CIÊNCIAS 4 MÉTODO CIENTÍFICO 4.1 MÉTODO CIENTÍFICO E CIÊNCIA / 4.2 MÉTODO DEDUTIVO 4.3 MÉTODO INDUTIVO 5 PROJETO DE PESQUISA 5.1 O QUE OBSERVAR EM PESQUISA / 5.2 TIPOS DE PESQUISA 5.3 PESQUISA EXPLORATÓRIA/ BIBLIOGRÁFICA / 5.4 PESQUISA DESCRITIVA 5.5 PESQUISA EXPERIMENTAL 6 FASES DA PESQUISA 6.1 QUANTO À ESCOLHA DO TEMA / 6.2 HIPÓTESE DE PESQUISA 6.3 OBJETIVO DE PESQUISA / 6.4 ESTUDOS QUANTITATIVOS 6.5 ESTUDOS QUALITATIVOS / 6.6 MÉTODO DE COLETA DE DADOS 6.7 FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS / 6.8 AMOSTRAGEM DE PESQUISA 6.9 ELABORAÇÃO DOS DADOS / 6.10 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS 6.11 RELATÓRIO DE PESQUISA 7 ARTIGO CIENTÍFICO 8 MONOGRAFIA 8.1 ESTRUTURA DA MONOGRAFIA 8.2 DETALHANDO OS ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS 8.3 ELEMENTOS TEXTUAIS 8.4 REFERÊNCIAS 8.5 APÊNDICE 8.6 ANEXO 9 CITAÇÕES DIRETAS E INDIRETAS CITAÇÕES INDIRETAS OU LIVRES CITAÇÃO DA CITAÇÃO 10 FORMATO DO TRABALHO ACADÊMICO 11 TRABALHOS ACADÊMICOS 11.1 FICHAMENTO 11.2 RESUMO 11.3 RESENHA 12 RECOMENDAÇÕES PARA EVITAR O PLÁGIO

REFERÊNCIA BÁSICA

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. Metodologia científica. 3.ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1993.

GALLIANO, A. G. (Org.). O método científico: teoria e prática. São Paulo: Harper &Row do Brasil, 1999.

KOCHE, José Carlos. Fundamento de metodologia científica. 3. ed. Caxias do Sul:UCS; Porto Alegre: EST, 1994.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: Informação e documentação — Referências — Elaboração. Rio de Janeiro, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6027: Informação e documentação — Sumário — Apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

LEHFEL, Neide Aparecida de Souza. Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

PERIÓDICOS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Normas de apresentação tabular. 2003. Disponível em: . Acesso em: 20 jun. 2008.

412	Fatores de Risco e Controle de Infecção em UTI	60

APRESENTAÇÃO

Introdução ao estudo dos fatores de risco e controle de infecção em UTI; Controle de infecção hospitalar em Unidade de Terapia Intensiva: desafios e perspectivas; Introdução; Procedimento metodológico; Resultados e discussão; Planejamento da assistência de enfermagem e dinâmica de trabalho da equipe; Princípios que regem a prevenção e

controle de infecção em UTI; Interação entre os membros do serviço, espírito de equipe, motivação; Desafios mencionados pelos enfermeiros na prevenção e controle de infecção; Considerações finais; Definições, evolução e história das infecções hospitalares; As infecções hospitalares e os fatores de risco; Infecção urinária; Pneumonia; Ferida cirúrgica; Métodos invasivos; Ventilação mecânica; Baixa imunidade; Soluções/preparados; Aspirações endotraqueais; Infusões e cateteres; Drenos e coletores de urina; Técnicas de isolamento; Comadres, papagaios, recipientes para a medida de líquidos drenados e bacias; A prevenção de infecções na UTI e o papel do enfermeiro.

OBJETIVO GERAL

Identificar os principais fatores de risco para infecções em pacientes internados em UTI, como condições clínicas pré-existentes (ex.: diabetes, imunossupressão), procedimentos invasivos, ventilação mecânica, cateteres, entre outros.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Desenvolver e implementar protocolos de controle de infecção específicos para as UTIs, baseados em evidências científicas e em boas práticas de controle.
- Monitorar e auditar constantemente a adesão a práticas de higiene das mãos e outros protocolos de controle, como a utilização de equipamentos de proteção individual (EPIs), para evitar a disseminação de infecções.
- Avaliar a eficácia do uso de antibióticos em UTIs e promover a prática da vigilância antimicrobiana, minimizando o uso indiscriminado de medicamentos e a resistência bacteriana.
- Promover programas de educação contínua para os profissionais de saúde, a fim de aumentar a conscientização sobre o controle de infecções, a prevenção e o manejo adequado de dispositivos invasivos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS FATORES DE RISCO E CONTROLE DE INFECÇÃO EM UTI; CONTROLE DE INFECÇÃO HOSPITALAR EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS; INTRODUÇÃO; PROCEDIMENTO METODOLÓGICO; RESULTADOS E DISCUSSÃO; PLANEJAMENTO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM E DINÂMICA DE TRABALHO DA EQUIPE; PRINCÍPIOS QUE REGEM A PREVENÇÃO E CONTROLE DE INFECÇÃO EM UTI; INTERAÇÃO ENTRE OS MEMBROS DO SERVIÇO, ESPÍRITO DE EQUIPE, MOTIVAÇÃO; DESAFIOS MENCIONADOS PELOS ENFERMEIROS NA PREVENÇÃO E CONTROLE DE INFECÇÃO; CONSIDERAÇÕES FINAIS; DEFINIÇÕES, EVOLUÇÃO E HISTÓRIA DAS INFECÇÕES HOSPITALARES; AS INFECÇÕES HOSPITALARES E OS FATORES DE RISCO; INFECÇÃO URINÁRIA; PNEUMONIA; FERIDA CIRÚRGICA; MÉTODOS INVASIVOS; VENTILAÇÃO MECÂNICA; BAIXA IMUNIDADE; SOLUÇÕES/PREPARADOS; ASPIRAÇÕES ENDOTRAQUEAIS; INFUSÕES E CATETERES; DRENOS E COLETORES DE URINA; TÉCNICAS DE ISOLAMENTO; COMADRES, PAPAGAIOS, RECIPIENTES PARA A MEDIDA DE LÍQUIDOS DRENADOS E BACIAS; A PREVENÇÃO DE INFECÇÕES NA UTI E O PAPEL DO ENFERMEIRO.

REFERÊNCIA BÁSICA

CAMARGO, Luiz Fernando Aranha ANVISA, Módulo 4. Prevenção de infecções em unidade de terapia intensiva et al. São Paulo: Anvisa, 2004.

CARDOSO, R. S., SILVA, M. A. A percepção dos enfermeiros acerca da comissão de infecção hospitalar: desafios e perspectivas. Texto Contexto Enferm. n. 13, p. 50-7, 2004.

CARMAGNANI, Maria I. S. et al. Procedimentos de enfermagem: guia prático. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

ABEGG, Patricia Terron Ghezzi M.; SILVA, Ligiane de Lourdes da. Controle de infecção hospitalar em unidade de terapia intensiva: estudo retrospectivo. Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, Londrina, v. 32, n. 1, p. 47-58, jan./jun. 2011.

AGUIAR, D. F.; LIMA, A. B. G.; SANTOS, R. B. Uso das precauções padrões na assistência de enfermagem: um estudo retrospectivo. Escola Anna Nery de Enfermagem. setembro. n. 12, v. 3 ,p. 571-575, 2008.

PERIÓDICOS

BRASIL/ANVISA. Curso Básico de Controle de Infecção Hospitalar. Caderno D Microbiologia Aplicada ao Controle de Infecção Hospitalar, 2000. Disponível em: <http://www.cvs.saude.sp.gov.br/pdf/CIHCadernoD.pd>. Acesso em: 12 fev. 2015.

416	Humanização e Assistência Pediátrica e Neonatal em UTI	30

APRESENTAÇÃO

Introdução aos estudos acerca da humanização e da assistência pediátrica e neonatal em UTI; A evolução da neonatologia e a saúde do recém-nascido no Brasil; Algumas definições dentro da neonatologia; A saúde do recém-nascido no Brasil; O Sistema de Informações sobre nascidos vivos ? SINASC; O trabalho da enfermagem na UTI neonatal; Definições e fatores relativos aos recém-nascidos e afins; Requisitos mínimos para funcionamento de UTIN e UTIP; Os equipamentos básicos da UTIN; O diagnóstico da enfermagem para recém-nascidos em UTIN; Recebendo o recém-nascido prematuro extremo na UTIN; Cuidados específicos com a pele; Cuidados com o acesso venoso; Cuidados com a fototerapia; Cuidados com a ventilação mecânica; Cuidados na administração de surfactantes; Cuidados nutricionais; Humanização da assistência ao recém-nascido em uma UTI: conceitos e fundamentos;Resultados; Discussão; A sepse e o paciente pediátrico séptico crítico; A Síndrome da Angústia Respiratória Aguda (SARA) ou Síndrome do Desconforto Respiratório Agudo (SDRA).

OBJETIVO GERAL

Especializar em humanização e da assistência pediátrica e neonatal em UTI, apresentando técnicas a respeito da Enfermagem na Urgência, Emergência e UTI, seus papéis, suas principais ferramentas e características, de forma a promover uma nova forma de atuação nestas áreas.

OBJETIVO ESPECÍFICO

• Desenvolver habilidades de pesquisa, elaboração, interpretação e análise da Enfermagem na Urgência, Emergência e UTI;

• Analisar a humanização e a assistência pediátrica e neonatal em UTI;

• Caracterizar o sistema de Informações sobre nascidos vivos – SINASC e o trabalho da enfermagem na UTI neonatal, suas definições e fatores relativos aos recém-nascidos e afins.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS ACERCA DA HUMANIZAÇÃO E DA ASSISTÊNCIA PEDIÁTRICA E NEONATAL EM UTI; A EVOLUÇÃO DA NEONATOLOGIA E A SAÚDE DO RECÉM-NASCIDO NO BRASIL; ALGUMAS DEFINIÇÕES DENTRO DA NEONATOLOGIA; A SAÚDE DO RECÉM-NASCIDO NO BRASIL; O SISTEMA DE INFORMAÇÕES SOBRE NASCIDOS VIVOS – SINASC; O TRABALHO DA ENFERMAGEM NA UTI NEONATAL; DEFINIÇÕES E FATORES RELATIVOS AOS RECÉM-NASCIDOS E AFINS; REQUISITOS MÍNIMOS PARA FUNCIONAMENTO DE UTIN E UTIP; OS EQUIPAMENTOS BÁSICOS DA UTIN; O DIAGNÓSTICO DA ENFERMAGEM PARA RECÉM-

NASCIDOS EM UTIN; RECEBENDO O RECÉM-NASCIDO PREMATURO EXTREMO NA UTIN; CUIDADOS ESPECÍFICOS COM A PELE; CUIDADOS COM O ACESSO VENOSO; CUIDADOS COM A FOTOTERAPIA; CUIDADOS COM A VENTILAÇÃO MECÂNICA; CUIDADOS NA ADMINISTRAÇÃO DE SURFACTANTES; CUIDADOS NUTRICIONAIS; HUMANIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA AO RECÉM-NASCIDO EM UMA UTI: CONCEITOS E FUNDAMENTOS; O CUIDADO HUMANIZADO NA UTIN – INTERAÇÃO ENTRE PROFISSIONAIS E FAMÍLIA; A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA; A QUALIDADE DE VIDA DA CRIANÇA EM UTI PEDIÁTRICA; ANALGESIA E SEDAÇÃO DE URGÊNCIA; QUALIDADE DE VIDA RELACIONADA À SAÚDE DE SOBREVIVENTES À TERAPIA INTENSIVA PEDIÁTRICA; INTRODUÇÃO; MÉTODOS; HEALTH UTILITIES INDEX; PARTICIPANTES DO ESTUDO; ANÁLISE ESTATÍSTICA; RESULTADOS; DISCUSSÃO; A SEPSE E O PACIENTE PEDIÁTRICO SÉPTICO CRÍTICO; A SÍNDROME DA ANGÚSTIA RESPIRATÓRIA AGUDA (SARA) OU SÍNDROME DO DESCONFORTO RESPIRATÓRIO AGUDO (SDRA).

REFERÊNCIA BÁSICA

MONTANHOLI, Liciane Langona. A atuação da enfermeira na UTI neonatal: entre o ideal, o real e o possível. 2008.

TAMEZ, Raquel N. Enfermagem na UTI neonatal: assistência ao recém-nascido de alto risco. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

WILSON, David; Marilyn J. Wong Manual clínico de enfermagem pediátrica. Adaptado a realidade brasileira. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2013.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

ALVES, Célia Regina O.; GOMES, Maria Magda Ferreira. Prevenção de infecção hospitalar em unidade de terapia intensiva neonatal. Rev Enferm UNISA 2002; 3: 63-9.

BRITO, S; DREYER, E. Terapia Nutricional. Cuidados de Enfermagem. Procedimentos Padronizados para Pacientes Adultos. Hospital das Clínicas. São Paulo, 2003 .

PERIÓDICOS

CASTRO JUNIOR, Miguel Angelo Martins de et al. O sistema Apache II e o prognóstico de pacientes submetidos às operações de grande e pequeno porte. Rev. Col. Bras. Cir. [online]. 2006, vol.33, n.5, pp. 272-278

20	**Trabalho de Conclusão de Curso**	**30**

APRESENTAÇÃO

Orientação específica para o desenvolvimento dos projetos de conclusão de curso. Elaboração e apresentação de trabalho de conclusão de curso.

OBJETIVO GERAL

Pesquisar e dissertar sobre um tema relacionado à sua formação no curso de pós-graduação.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Construir, mediante a orientação de um docente, o Trabalho de Conclusão de Curso tendo em vista a temática escolhida e o cumprimento das etapas necessárias.
- Apresentar e argumentar sobre o referido trabalho.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. DELIMITAÇÃO DA PROBLEMÁTICA, OBJETIVOS E LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO; CONSTRUÇÃO DA MATRIZ ANALÍTICA (PROJETO DE TCC); 2. DEFINIÇÃO E DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA A SER EMPREGADA NO ESTUDO; 3. MONTAGEM DO PROJETO DE TCC; 4. APRESENTAÇÃO DO PROJETO; 5. COLETA E ANÁLISE DE DADOS; 6. REDAÇÃO DA DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS; 7. MONTAGEM FINAL DO TCC; 8. APRESENTAÇÃO DO TCC; 9. AVALIAÇÃO DO TCC; 10. CORREÇÃO E ENTREGA DA VERSÃO FINAL DO TCC.

REFERÊNCIA BÁSICA

DEMO, P. Pesquisa: princípio científico e educativo. 2.ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: ATLAS, 1988.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

KÖCHE, José C. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1997 SÁ, Elizabeth S. (Coord.). Manual de normalização de trabalhos técnicos, científicos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1994.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERIÓDICOS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Normas de apresentação tabular. 2003. Disponível em: . Acesso em: 20 jun. 2008.

Avaliação será processual, onde o aluno obterá aprovação, através de exercícios propostos e, atividades programadas, para posterior. O aproveitamento das atividades realizadas deverá ser igual ou superior a 7,0 (sete) pontos, ou seja, 70% de aproveitamento.

SUA PROFISSÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Podem candidatar-se ao curso todos os profissionais com formação superior em Enfermagem, que atuem ou desejem se envolver nesta área, em organizações privadas ou instituições públicas.